

O mestre de meninos no templo da inteligência: reflexões sobre a atuação dos professores normalistas e pedagogos no campo educacional

Rossano Silva

Rossano Silva

Universidade Federal do Paraná

Email: rossano.degraf@yahoo.com.br

 <https://orcid.org/0000-0003-1591-860X>

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo analisar a obra *Mestre de Meninos* (1983 e 1984), escrita pelo intelectual e educador paranaense Erasmo Pilotto (1910-1992). O texto em questão se tratou do discurso realizado pelo intelectual em agradecimento ao recebimento do título *Honoris Causa*, concedido pelo Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, em 1982. Para além do caráter comemorativo da obra, percebe-se as concepções de ensino defendidas por Pilotto, em especial, o papel concedido aos “mestres de meninos” ou “mestres-escola”, que fazem referência aos professores normalistas. Nesse sentido, em seu discurso, o intelectual faz a defesa da posição deste profissional no campo educacional, procurando definir a atuação do professor normalista e do pedagogo. Para efetuar tal investigação, este artigo traz como aporte teórico as contribuições de Pierre Bourdieu sobre trajetória e campo, com a finalidade de analisar o lugar ocupado por Pilotto na esfera educacional do estado.

Palavras-chave: História Intelectual. História da Educação. Formação de Professores.

Recebido em: 06/08/2016

Aprovado em: 23/08/2017

<http://www.perspectiva.ufsc.br>

 <http://dx.doi.org/10.5007/2175-795X.2018v36n1p351>



Abstract

The “boys’ master” in the temple of intelligence: reflections about the role of teachers and pedagogues in the educational field

This study analyzes the book “Mestre de Meninos” “The Boys’ Master” (1983), written by Paraná intellectual and educator Erasmo Pilotto (1910-1992). The book is based on a speech Pilotto gave upon receiving the title of Honoris Causa awarded by the Human Sciences Sector of the Federal University at Paraná in 1982. In addition to the commemorative character of the work, it presents the teaching concepts Pilotto advocated, mainly the role assigned to “boy’s masters” or “school masters”, a reference to elementary school teachers. Pilotto defends the role of these professionals in his effort to define the role of elementary school teachers and pedagogues. The theoretical support for the study were Pierre Bourdieu's contributions on trajectory and field, which were used to analyze the place occupied by Pilotto in the state educational sphere.

Keywords:

Intellectual
History. History
of Education.
Teacher training.

Resumen

El maestro de niños en el templo de la inteligencia: reflexiones acerca de la actuación de profesores normalistas y pedagogos en el campo educacional

El presente estudio tiene como objetivo analizar la obra *Mestre de Meninos* (1983 y 1984), realizada por el intelectual y educador paranaense Erasmo Pilotto (1910-1992). El texto en cuestión es un discurso realizado por el autor en agradecimiento por haber recibido del Sector de Ciencias Humanas de la Universidad Federal de Paraná, en 1982, el título Honoris Causa. Además del carácter conmemorativo de la obra, es posible percibir las concepciones de enseñanza defendidas por Pilotto, principalmente el papel concedido a los “Maestros de niños” o “Maestros escuelas”, que hacen referencia a los profesores normalistas. En este sentido, en su discurso, el intelectual defiende la posición de estos profesionales en el campo educacional buscando definir la actuación del profesor normalista y pedagogo. Para realizar esta investigación, el presente estudio utiliza como base teórica las contribuciones de Pierre Bourdieu acerca de trayectoria y campo, con el objetivo de analizar el lugar ocupado por Pilotto en el medio educacional.

Palabras clave:

Historia
Intelectual.
Historia de la
Educación.
Formación de
Profesores.

O presente trabalho pretende investigar o discurso intitulado *Mestre de Meninos* escrito pelo educador e intelectual paranaense Erasmo Pilotto (1910-1992). A obra foi publicada em comemoração ao título *honoris causa*, concedida ao autor pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Assim, o objetivo é analisar as concepções educacionais presentes nessa obra na qual o intelectual faz a defesa do papel dos professores normalistas na educação escolar, ao se referenciar à esses profissionais Pilotto utiliza termos como “mestres-escolas” ou “mestres de meninos” destacando o papel desses na educação da criança, que em sua visão estavam perdendo espaço perante a formação de professores no âmbito universitário com os cursos de Pedagogia.

Para alcançar o objetivo proposto de investigar as concepções educacionais referentes à formação do professor presentes no discurso *Mestre de Meninos*, esta investigação se apoiará na teoria praxiológica de Bourdieu (1994, 1996, 2004) – concepção teórica que associa campo, habitus e capital, resultando numa determinada prática associada a uma análise do mundo social que rompe com a abordagem da fenomenologia e do objetivismo. A prática, ou seja, o que realmente se efetiva num determinado tempo histórico e social, não depende apenas do sujeito no sentido de uma escolha individual, mas leva em conta o campo como um todo. O campo como elemento constituinte da sociedade pode ser interpretado como aquilo que é oferecido como possibilidade ao indivíduo, que, por seu turno, conforme a quantidade de “capital” disponível, pode assumir ou não posições de poder e prestígio nas diferentes esferas de atuação, nesse sentido tais pressupostos nos permitem estabelecer o papel de Pilotto no campo educacional. Outro conceito utilizado nessa investigação é o de trajetória.

No texto *A ilusão biográfica*, Bourdieu (2006) refletiu sobre os problemas da narrativa da história de vida, especialmente sobre a tendência da biografia e da autobiografia para criar um texto coerente, transformando a vida em uma série lógica de acontecimentos. O autor chama a atenção para a maneira como o indivíduo bipartido em indivíduo concreto e indivíduo construído escapa dessa noção tradicional de escrita histórica. Como forma de superação dessa perspectiva, propõe a noção de trajetória como uma forma possível de conciliar a análise da vida, enquanto uma trajetória seguida pelo indivíduo concreto e construído. Diferentemente da biografia tradicional, a trajetória coloca-se como “uma série de posições sucessivamente ocupadas por um agente (ou mesmo um grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações” (BOURDIEU, 2006, p. 189).

Para Bourdieu (2006, p. 190), os acontecimentos biográficos se definem “como colocações e deslocamentos no espaço social, isto é, mais precisamente nos diferentes estados

sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado”. Nesse sentido, compreender uma trajetória é estabelecer os estados sucessivos dos campos nos quais o agente atuou, analisando conjuntamente as relações entre os outros agentes atuantes no campo. Assim, traçar a trajetória de Pilotto significa trazer suas redes de relacionamentos, suas análises e interpretações das teorias em debate em sua época, observando suas relações com os diversos agentes e seus campos de atuação.

Partindo dessas considerações para a análise de um texto, deve-se levar em consideração seu contexto e a trajetória de seu produtor, por esse motivo trataremos neste artigo considerações sobre a atuação profissional de Pilotto, bem como informações sobre sua formação escolar e *habitus* familiar.

Erasmus Pilotto é considerado pela história da educação como um dos principais articuladores, no Paraná, do Movimento pela Escola Nova. As pesquisas de Miguel (1997) e Vieira (2001, 2011, 2014) abordaram as contribuições do intelectual para o campo educacional paranaense. Nossa investigação (SILVA, 2009, 2014) buscou ampliar as contribuições no estudo da obra de Pilotto, relacionando suas concepções educativas com o papel dado à arte e à cultura, estabelecendo as relações de suas ações nos diferentes campos de atuação do intelectual. Sua atuação foi ampla e variada, traço comum aos intelectuais do período, que transitavam em diversos campos simultaneamente. No campo educacional, atuou na Escola de Professores entre os anos de 1933 e 1947, promovendo a divulgação de seu pensamento ligado ao Movimento pela Escola Nova e priorizando a cultura e a arte como princípios formadores do professor. Fundou em 1943 uma escola experimental, o Instituto Pestalozzi, para alunos de pré-primário, a fim de colocar em ação seu projeto educativo. No campo artístico e literário sua atuação iniciou-se em 1927, com a fundação do Centro de Cultura Filosófica (CCF), grupo interessado em debater a modernização das artes e da literatura em Curitiba. Participou ainda da fundação e criação da Sociedade de Cultura Artística Brasília Itiberê (SCABI), atuando com o grupo de intelectuais e artistas ligados à instituição em seus projetos, como o da realização de concertos populares de música, da criação do Salão Paranaense de Belas Artes e da fundação da Escola de Música e Belas Artes do Paraná (Embap). Sua inserção no campo literário e jornalístico ocorreu, no início da década de 1940, com a participação no Grupo Editorial Renascimento do Paraná (GERPA), no qual publicou seu primeiro livro intitulado *Emiliano* (1944). Participou na imprensa nos jornais *Diário da Tarde* e *O Dia*, nos quais publicou crônicas e críticas de arte, e também na revista *Joaquim*, na qual, além de publicar ensaios e entrevistas com artistas, atuou como diretor.

Sua relação com o campo político se deu desde início de sua atividade docente, e pode ser evidenciada pelos cargos de indicação conquistados durante sua carreira, bem como com sua indicação, para assumir a Secretaria de Estado da Educação e da Cultura (SEEC) (1949-1951), no governo de Moysés Lupion. Nessa posição, Pilotto pode confrontar suas metodologias e concepções educacionais formuladas na Escola de Professores e no Instituto Pestalozzi com a realidade das escolas do interior do estado. Estabelecendo uma distinção entre pedagogia e política educacional tônica levada para as orientações e ações da Associação de Estudos Pedagógicas (AEP)¹.

Se a ação de Pilotto na AEP se constitui como uma estratégia de intervenção no campo educacional, por meio da divulgação de suas concepções pedagógicas e na institucionalização de suas ações através da associação, outra estratégia utilizada pelo intelectual foi o investimento na publicação de seu pensamento pedagógico e filosófico. A partir da década de 1950, Pilotto inicia a publicação da maioria de suas obras.

O intelectual publicou 29 obras, desconsiderando as reedições, entre as décadas de 1940 e 1980, distribuídas da seguinte forma: Década de 1940 – quatro obras; Década de 1950 – seis obras; Década de 1960 – dez obras; Década de 1970 – quatro obras; e Década de 1980 – cinco obras. Ao observar essa distribuição constatamos que a década de 1960 foi, em termos numéricos, a mais produtiva de Pilotto, bem como podemos concluir que foi após sua saída da SEEC, com sua transferência para o Tribunal de Contas², que o intelectual realizou a maior parte de sua produção literária.

Com o fim da AEP e a sua aposentadoria no Tribunal de Contas, na década de 1970, Pilotto passou a concentrar sua estratégia de intervenção no campo educacional e artístico na publicação de suas obras. No final da década de 1960, percebe-se uma mudança no estilo das publicações de Pilotto que abandona as considerações sobre a organização dos sistemas de ensino, ponto fundamental das publicações da AEP, investindo em obras que tratam de questões filosóficas, artísticas e educacionais, essas pensadas em uma perspectiva dialógica com a filosofia, como é o caso da obra analisada neste artigo. Puglielli, ao se referir a esse período da trajetória de Pilotto, utiliza a expressão “o descanso do guerreiro”, em referência ao afastamento do intelectual da esfera pública. Concordamos parcialmente com o autor, pois, apesar do encerramento da AEP, Pilotto estaria se dedicando à sistematização de sua obra com as publicações de diversos títulos e reedição de algumas de suas obras.

Nesses textos encontramos reflexões de Pilotto acerca da interlocução da filosofia com a pedagogia, além de um posicionamento sobre o campo artístico, especialmente através das obras *Th. De Bona* (1968), *Mallarmé* (1973), *Poeira do Quotidiano* (1976) e *O Mural*

Redondo (1986), nas quais o intelectual apresenta sua apreensão de arte, baseada na técnica e na criação de uma consciência artística e suas ressalvas sobre a arte moderna. Além dos textos inéditos publicados até 1987, publica em 1973 e 1976 duas coletâneas intituladas *Obras I* e *Obras II*. O primeiro volume reúne os livros: *Temas da Educação de nosso tempo* (1954), *Direito à educação* (1960) e *Para um humanismo individualista* (1968), além da publicação da obra inédita *Pequenos Ensaios*. O segundo volume de *Obras* reúne os livros da série de estudos paranaenses: *Emiliano*, *Dario Vellozo*, *João Turin* e *Th. De Bona*, mais a obra *Mallarmé*, além dos livros inéditos: *Notas sobre Spinoza* e *Poeira do Quotidiano*. Pelo exposto, observamos que, para além de sua intervenção no campo educacional e artístico, Pilotto preocupou-se em sistematizar as suas concepções através de uma intensa publicação de suas obras ocorrida no final de sua vida.

Reconhecimento ou compensação de um “Mestre de Meninos”

Além da publicação de sua obra, em 1982, com então 72 anos, Pilotto recebeu do Setor de Ciências Humanas da UFPR o título de Professor *Honoris Causa*, titulação que indicaria o reconhecimento de suas ações perante o campo educacional, mas que traz, como destacado por ele, um aspecto compensatório. E expõe as disputas que figuravam no campo educacional sobre a função dos agentes na missão de educar. Para justificar a concessão do título o Conselho Universitário, emite em 22 de janeiro de 1982 o seguinte parecer:

O Professor Erasmo Pilotto, por vocação e opção consciente, dedicou toda a sua vida, até obsessivamente, a causa da educação, nos seus níveis fundamentais. Sendo basicamente um professor primário, um mestre-escola como ele próprio diz, paralelamente alçou-se ao nível dos grandes pensadores, dentro de uma linha de trabalho inovadora e corajosa. Acumulando cultura universal e autenticamente humanista, debruçou-se sobre as teorias filosóficas e sobre as obras de criação literária, com grande sensibilidade e inteligência, produzindo textos de vigorosa argúcia crítica. Sua obra, tanto no campo educacional, como no literário e filosófico, o faz credor dessa homenagem da Universidade Federal do Paraná. (PILOTTO, 2004, p. 163).

Apesar do título poder ser considerado um reconhecimento no âmbito acadêmico da trajetória intelectual de Pilotto, na biografia escrita pelo professor Helio Puglielli (1996), diretor do Setor de Ciências Humanas Letras e Artes entre os anos de 1980 e 1982, temos a sugestão de que o título seria uma compensação pelo fato de Pilotto não poder ter feito parte do corpo docente da universidade:

Em 1982, recebe o título de Professor *Honoris Causa* da Universidade Federal do Paraná, a Universidade que deveria tê-lo chamado tão logo

deixou a Secretaria de Educação, mas onde jamais poderia vir a lecionar por ser apenas um “mestre-escola”, um “professor de meninos”, sem formação universitária [...] transcorreram décadas e não houve, infelizmente, a atitude de grandeza que se impunha para anular a estupidez burocrática e declamar o notório saber do maior pedagogo do Paraná, chamando-o à Universidade. (PUGLIELLI, 1996, p. 32).

Conforme relata Puglielli em reportagem concedida ao jornal *Indústria & Comércio*, a demora no reconhecimento de seu notório saber impediu Pilotto de concorrer a um cargo de professor na universidade:

O maior atentado à inteligência paranaense, aliás, foi a Universidade não ter concedido a declaração de “notório saber” ao professor Erasmo Pilotto, que tinha apenas o curso normal e não podia participar de concurso para ingresso no corpo docente da instituição. Erasmo [...] foi o maior pedagogo paranaense e um grande pensador em outras áreas, como a filosofia e a literatura. (PUGLIELLI apud HAYGERT, 2012, p. 1).

Os dois comentários de Puglielli remetem a uma discussão que parece ter ocorrido dentro da instituição, sobre a contratação de Pilotto como professor da UFPR, sendo o título *Honoris Causa* uma compensação por essa impossibilidade “burocrática”. Em que pese essa impossibilidade, a indicação dos autores que contribuíram com a AEP demonstra que Pilotto, apesar de não estar ligado diretamente à universidade, possuía uma rede de contatos na instituição. Entre os colaboradores da AEP, destaca-se o nome da professora Zélia Milléo Pavão, que foi diretora da Faculdade de Educação em 1972 e também após a reforma universitária, que institui a departamentalização da UFPR; foi, ainda, diretora do Setor de Educação por duas gestões consecutivas de ocupando o cargo de 1972 a 1981. Outra indicação de seus laços com a instituição vem de seu depoimento ao Museu da Imagem e Som do Paraná (MIS-Pr) (PILOTTO, 1988), no qual declara que recebia diversos alunos de pedagogia em visitas à sua casa para discutir temas ligados à educação. Esses dados demonstram que o intelectual possuía capital social e mantinha uma rede de contatos com a instituição.

O texto de Puglieli (1996) aponta como explicação do fato de Pilotto não ter integrado o quadro da universidade o fato do intelectual não possuir um título de curso superior. De fato, Pilotto faz a opção por renunciar a “qualquer curso superior” e tornar-se um “mestre escola”, embora sua trajetória profissional demonstre que sua ação se deu mais na formação de professores e de gestor do que propriamente como professor primário.

Desde o início de sua trajetória profissional, o intelectual foi beneficiado pelo capital social herdado de sua família, bem como pelo capital simbólico conquistado a partir de suas ações, o que demonstra sua inserção no campo político desde o início de sua trajetória

profissional, sendo o cargo de secretário uma das facetas de sua atuação nesse campo. Pilotto não iniciou sua docência como “mestre-escola”, mas sim como professor da Escola Normal de Paranaguá. Como pode ser observado no comentário a seguir:

Para ser professor nomeado era preciso fazer concurso. [...] as autoridades viam o concurso, eu estava fazendo a prova e o Oscilio de Araújo, que era diretor de educação, chegou na minha carteira [...] e ele disse: Erasmo, você não quer ir lecionar português na Escola Normal de Paranaguá? Eu disse: O senhor me deixe pensar até o fim da prova. Porque de certo ponto de vista era uma traição, do ponto de vista que eu estava me propondo ser professor primário. (PILOTTO, 1988).

Apesar da hesitação, Pilotto aceitou o cargo de professor na Escola Normal de Paranaguá, atuando na instituição entre os anos de 1929 e 1930, iniciando sua ação na formação de professores. Passaria os anos seguintes como professor e/ou diretor das Escolas Normais de Ponta Grossa e Curitiba, ocupando cargos em sua maior parte de indicação, fato que demonstra o capital social herdado e conquistado em sua atuação profissional. Em sua autobiografia, o intelectual atribui a Tolstói a decisão de se tornar um “mestre de meninos” e a renunciar um curso superior, embora tenhamos que considerar as opções possíveis de formação em sua trajetória de formação educacional.

Pilotto conclui o curso normal em 1928, e dentre as opções possíveis no momento em Curitiba estariam os cursos de comércio, direito, engenharia, odontologia ou medicina. Observa-se que seus pares se dividiram dentre uma dessas alternativas. Seus primos Osvaldo Pilotto e Valfrido Pilotto formaram-se em engenharia e direito respectivamente. Outros intelectuais que estiveram presentes na trajetória de Pilotto também passaram por cursos superiores, como é o caso de Adriano Robine (Escola de Professores), Dalton Trevisan (Revista *Joaquim*) e Raul Gomes (Grupo Editorial Renascimento do Paraná e Salão Paranaense de Belas Artes), todos formados em direito pela Universidade do Paraná. Merecem menção também os artistas plásticos Poty Lazarotto (Revista *Joaquim*), Guido Viaro (Revista *Joaquim*, Salão Paranaense e Escola de Música e Belas Artes) e Emma Köch (Secretaria de Estado da Educação e Cultura), formados em academias ou escolas de belas artes.

Ao iniciar sua formação na Escola de Professores (1927-1928), denominada no período de Escola Normal de Curitiba, Pilotto fundou conjuntamente com amigos dois centros independentes de formação nas áreas de filosofia e pedagogia, o Centro de Cultura Filosófica (CCF) (1927) e o Centro de Cultura Pedagógica (CCP) (1928), o segundo foi o responsável pelo contato de Pilotto com os pressupostos da Escola Nova, que o fizeram questionar a

formação recebida na Escola Normal, procurando formular suas próprias concepções pedagógicas apoiadas em diversos autores como: Azevedo, Gentile, Montessori e Tolstoi. Nesse sentido, Pilotto (1973, p. 158) assume uma posição de autodidata valorizado em sua concepção educacional no qual afirma que: “A educação deve conduzir à autoeducação ou terá falhado ao fundamental”.

Cabe resaltar a importância atribuída por Pilotto a Escola Normal, ou melhor naquela que denominou de “Antiga Escola Normal”³. Dessa forma, boa parte de seu *habitus* familiar tem ligação com a Escola Normal de Curitiba. Em suas notas autobiográficas, Pilotto (198-, p. 12) afirmou:

[...] eu pertencia, pelo lado de minha mãe, a uma família formada, em grande parte, na antiga Escola Normal Paranaense, – de Euzébio, Dario, Álvaro Jorge, Azevedo Macedo, Pereira Lagos, Custódio Raposo, entre outros – esses fatos, dizia, me levaram a tomar, um pouco mais tarde, a decisão moral de ser professor primário, renunciando firmemente a qualquer título superior.

A admiração pelos mestres da antiga Escola Normal se faz presente em diversos momentos da trajetória de Erasmo Pilotto. Alguns foram seus professores no Curso Ginásial, outros, como Emiliano Pernetá, marcaram a trajetória de Pilotto de outras maneiras. A obra do professor e poeta foi responsável por aproximar o jovem Erasmo da estética simbolista, levando-o inclusive a publicar *Emiliano* (1944), seu primeiro livro que tratou da obra do poeta paranaense Emiliano Pernetá.

A ligação de Pilotto com a Escola Normal, por meio de sua família materna, contribuiu para a escolha pelo magistério, embora ele afirme que sua opção não foi incentivada inicialmente por sua família, que pretendia que ele partisse para um curso superior. Do lado paterno, os primos Osvaldo Pilotto e Valfrido Pilotto também passaram pelo Curso Normal, ingressando posteriormente no ensino superior. O *habitus* familiar, em que o magistério tinha um papel de destaque tanto do lado materno quanto paterno, foi o modelo apreendido pelo jovem Erasmo Pilotto, pois, como ressalta Setton (2002, p. 64, grifo do autor), o “*habitus* é um instrumento conceptual que auxilia a apreender uma certa homogeneidade nas disposições, nos gostos e preferências de grupos e/ou indivíduos produtos de uma mesma trajetória social”.

Assim, ao questionar os métodos preconizados pela Escola Normal em seu período de formação, Pilotto utiliza os CCF e CCP como espaços para sua formação apoiada em seu *habitus* familiar. Um dos membros desses grupos foi o intelectual e educador João Roberto Moreira, que assumiu cargos na Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina e no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Moreira que

era aluno do curso de Direito, fez um relato dos motivos que o levaram ao abandono do curso, o qual coloca que as ideias promovidas pelos CCF e CCP o fizeram ter “virado as costas” para a formação acadêmica:

Uma época de agitação, em que as consciências jovens no afã de reconstrução e de reajustamento político-moral, se degladiavam e divergiam em extremismos irredutíveis; momentos angustiosos, tremendamente incertos, de reuniões secretas, de publicações revolucionárias, de conflitos! Esse o ambiente de Curitiba e, certamente, o de todos os centros universitários do Brasil. (MOREIRA apud DANIEL, 2009, p. 28).

A circunstância descrita por Moreira se insere na configuração⁴ adotada no curso Normal no momento de sua formação, bem como a de Pilotto, que se opunha à cultura bacharalesca e ao predomínio da aprendizagem voltada para a prática docente. Assim sendo, apesar de se contrapor à fundamentação teórica do curso normal naquele momento, Pilotto estaria em contato com ideias que se opunham ao bacharelismo presente nos cursos superiores.

Assim, Moreira abandona em 1934 o curso de Direito, assumindo sua trajetória no campo educacional. Cabe ressaltar que, nesse momento, a formação para professores e técnicos educacionais era feita exclusivamente pelo curso normal, sendo que os primeiros cursos de pedagogia somente iniciariam no fim da década de 1930. No Paraná, o curso de Pedagogia⁵ foi criado conjuntamente com a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras do Paraná⁶ em 1938.

Apesar da implantação do curso de Pedagogia, Pilotto continua sua trajetória profissional sem ter um título superior. Duas poderiam ser as razões pelas quais o intelectual não realiza a formação em pedagogia. A primeira poderia ser o próprio prestígio que Pilotto alcançara no campo educacional, já que em 1938, assume na Escola de Professores o cargo de assistente técnico, que permitiria ao intelectual agir diretamente sobre os campos artístico e educacional do Estado através de diversas ações coordenadas por intelectuais e instituições próximas a Pilotto⁷. Considerando sua autoridade no campo, ele poderia não estar disposto a assumir uma posição de dependência em relação ao grupo intelectual que estaria no comando da Faculdade Filosofia, Ciências e Letras (FFCL), constituída, em sua maioria, pelo laicato católico.

Relacionada a essa razão estaria a ligação da Faculdade de Ciência e Letras do Paraná com a intelectualidade do laicato católico. Conforme Campos (2007), a maior questão filosófica do grupo católico se constituía no problema da educação, que fez com que

formulassem como estratégia a constituição da faculdade e da primazia da formação de professores para o nível secundário, que se constituiu como uma:

[...] nova prerrogativa do ensino superior, pois o projeto da FFCL era completar o sistema universitário que existia no Estado do Paraná, que contemplava, até aquele momento, apenas as faculdades técnicas. Para o grupo católico ela expressava a própria universidade, embora, somente em 1946, foram unificadas as quatro faculdades paranaenses. É interessante assinalar que o nascimento da FFCL preconizava o desejo de instaurar o espírito universitário na cultura paranaense, haja vista que a Filosofia expressava o fundamento da formação de todos os profissionais. (CAMPOS, 2007, p. 185).

Desde o início de sua formação no Ginásio Paranaense (1922-1926), Pilotto opõem-se ao grupo intelectual formado pelo laicato católico se aproximando de intelectuais ligados ao movimento anticlerical⁸, mesmo que esta adesão tenha se dado mais por termos ideológicos do que propriamente na participação do grupo, tendo em vista que este praticamente se esgota na década de 1920. Assim, para o intelectual, frequentar o curso de Pedagogia, naquele contexto, poderia ser considerado como uma incongruência com seus estudos sobre educação pautados por uma matriz diversa daquela preconizada na FFCL.

Com as considerações acima buscamos trazer o pano de fundo das concepções de Pilotto (1984) que se apresentam no texto *Mestre de Meninos*, o qual passaremos a investigar na sequência.

Com a concessão do título *Honoris Causa*, Pilotto escreve o discurso de agradecimento publicado com o sugestivo título *Mestre de Meninos*. A obra teve sua primeira edição realizada em 1983, pelo Setor de Educação da UFPR, dirigido pelo professor José Alberto Pedra, e um ano depois a segunda edição realizada pela editora particular Imprimax, que publicou diversos de seus livros, incluindo a coletânea *Obras*. O fato sugere que o intelectual procurou divulgar seu texto através de uma publicação própria. Cade destacar que não foram encontrados exemplares da obra publicada pelo Setor de Educação, mesmo na biblioteca da UFPR, o que poderia indicar uma pequena tiragem destinada a algumas pessoas, ou mesmo uma certa discordância das ideias defendidas em seu discurso. O texto inicia-se com a pergunta de Pilotto (1984) sobre a razão de receber tal título, concluindo que este viria da “estima” aos mestres-escolas:

Preciso fazer um esforço para compreender vosso gesto. Por fim, penso descobrir suas razões: será a estima antiga ao mestre-escola; ou, na expressão que surpreende melhor a humanidade do ofício: mestre de meninos. A nobre estima, – aprovação, louvor, reconhecimento: os bons e graves sentimentos do velho modo. (PILOTTO, 1984, p. 5).

A referência ao “velho modo” pode indicar as disputas sobre a quem caberia o papel de educar: aos “antigos” professores normalistas, mestres de meninos ou aos pedagogos representantes da modernização e academização do conhecimento educacional. As mudanças da legislação educacional no final da década de 1960 contribuíram para modificar as configurações do campo educacional, colocando em polos opostos à escola normal e aos cursos de pedagogia. Em decorrência da Lei nº 5.540/68, o currículo dos cursos de Pedagogia é modificado, “fracionando-o em habilitações técnicas, para formação de especialistas, e orientando-o tendencialmente não apenas para a formação do professor do curso normal, mas também do professor primário em nível superior” (TANURI, 2000, p. 80). Além da tendência de levar ao curso de Pedagogia a função de formação do professor para o ensino primário, com o advento da Lei nº 5.692/71 houve o enfraquecimento da formação no curso normal. Este “perdia o status de ‘escola’ e, mesmo, de ‘curso’, diluindo-se numa das muitas habilitações profissionais do ensino de segundo grau, a chamada Habilitação Específica para o Magistério⁹” (TANURI, 2000, p. 80).

Na sequência de seu discurso, Pilotto (1984, p. 9) valoriza o mestre escola, ou, para nos valermos de suas próprias palavras, “cria um retrato do mestre de meninos”, enfatizando as qualidades sensíveis desse educador, que teria como ponto principal a “intuição-simpátia, sensibilidade palpitante diante do aluno”. E conclui que, dentre aqueles que se tornam mestre de meninos:

[...] existe, sim, existe, e temos encontrado, alguém que não vê o mal, - e não por ingenuidade, mas por limpidez de alma. Tratar-se-á desses que não são tocados pelo sombrio, em uma espécie de adolescência límpida e perdurável. Englobo tudo e resumo tudo, nas palavras: Beleza e Alegria! (PILOTTO, 1984, p. 9).

Após traçar esse quadro sobre o mestre de meninos faz menção a necessidade da objetividade, tendo em vista que estaria na universidade ou no “templo da inteligência”:

No templo da inteligência, devemos pensar a partir de um ponto de vista sociológico e presente. E, dentro disso, que vem fazer aqui aquele retrato da figura antiga do mestre de meninos em sua forma ideal? Como ocorreu e como perdoar que o lirismo se tenha infiltrado. Desejaria que não houvesse confusão neste caso: não estou falando de uma categoria romântica, estou falando de uma categoria de grandeza, objetivamente necessária. (PILOTTO, 1984, p. 8-9).

Ao afirmar que a educação deve ser pensada a partir de um ponto de vista sociológico, Pilotto (1984) deixa transparecer uma mudança teórica em suas concepções no campo

educacional. Em outros textos, o intelectual se refere à sociologia, ou, em um sentido crítico, ao “sociologismo”, da seguinte maneira:

É certo que o *sociologismo* de nosso tempo, por vezes, influenciou, e até fortemente, essa ideia de comunidade escolar. Determinou-a e procurou lhe dar o sentido. Ora devemos estar conscientes dos riscos desse *sociologismo* quando ele evolui para se tornar exclusivista. (PILOTTO, 1966, p. 94, grifo do autor).

Na continuidade de seu comentário sobre a organização da escola como uma comunidade, Pilotto (1966) salienta suas bases nos princípios da Escola Nova e a relaciona com a concepção veiculada pela psicologia do desenvolvimento individual do psicólogo austríaco Alfred Adler (1870-1937):

[...] superando qualquer insustentável incoerência, no mesmo momento em que notamos a ênfase sobre a escola como comunidade, devemos lembrar essa ideia situada em todo o complexo dos princípios da Educação Nova. Importante, então situa-la num círculo de interinfluência com a ideia de livre expressão da personalidade, etc. De nossa parte, - e o aprendemos firmemente de Adler, - temos o desenvolvimento normal do sentimento de comunidade como básico do equilíbrio psíquico. (PILOTTO, 1966, p. 94).

Conforme Sposito (2003), o diálogo entre sociologia e educação no Brasil foi amplamente ancorado na perspectiva de Durkheim, sistematizada por Fernando de Azevedo, na década de 1940. Para a autora, “Azevedo voltou-se para as aplicações do estudo da sociologia na busca de novos rumos educacionais para a sociedade brasileira em processo de transformação” (SPOSITO, 2003, p. 213). Nas décadas de 1950 e início da década de 1960 temos:

[...] a forte presença dos estudos funcionalistas sobre a educação escolar, em especial Talcott Parsons, nos Estados Unidos, mas com ramificações na Europa. Em busca dos fundamentos capazes de tornar possível uma nova ordem social, a análise da realidade escolar foi realizada procurando compreender as possíveis variáveis que estariam condicionando o seu funcionamento. (SPOSITO, 2003, p. 213).

Ainda conforme a autora, nas décadas de 1960 e 1970, a partir da formação de um pensamento crítico sistemático, a sociologia passa a investigar a ação efetiva desenvolvida pela instituição escolar. Investigação marcada pela forte interlocução com a sociologia Europeia, apoiando-se em teóricos como Pierre Bourdieu, Baudelot e Establet, Louis Althusser, Michael Young e Basil Bernstein.

Ao analisarmos os autores utilizados por Pilotto em suas reflexões pedagógicas, percebe-se um diálogo mais constante com a filosofia, ao passo que, a partir da década de

1970, a pedagogia passa a um enfoque referenciado pela sociologia (SILVA, 2014). E respondendo dentro da “sociologia” e do “presente”, expõe a necessidade de ampliar o alcance da educação para que esta contemple as grandes massas humanas que “nasceram ontem e ainda estão nascendo”. Ele destaca, ainda, que o único meio para que a educação cumpra esse objetivo é parcelar o processo educativo, distribuindo os papéis entre os diferentes agentes educativos, e atribui à “escola de meninos”:

[...] uma parcela bem simples do total de tarefas, e cada mestre escola na lida com uma rotina bem simples. Outras agências com outras parcelas e a integridade do processo gerado no rigor do planejamento global das agências. Alguém disse que isso é uma solução técnica e industrial. Percebeis que é a indisposição com o arqui-industrialismo que transparece nessa crítica. Pede-se mais humanidade. (PILOTTO, 1984, p. 9).

Assim, Pilotto insiste no papel dos cursos normais dentro do processo educativo, reservando-lhe o contato mais “humano” e direto com o educando e relegando a outras agências (como a universidade) o planejamento. O intelectual precisou atribuir essa tarefa ao curso normal, muito diferente da “elite educacional”, que pretendia formar na Escola de Professores e nos cursos Normais Regionais¹⁰. Nesses espaços, inspirados por sua releitura das teorias de Gentile, formulou a concepção de formação de duas classes de professores: aqueles responsáveis pelo planejamento das ações pedagógicas e aqueles responsáveis pela sua aplicação na sala de aula, mas, para isso, baseava-se na formação extracurricular diferenciada, através de Centros, como aqueles criados por ele em sua juventude. Esses espaços de formação buscavam a complementação da formação cultural dos professores e a formação em aspectos avançados da filosofia e da pedagogia para a “elite educacional”. Nesse sentido, seu discurso muda de enfoque deixando aos professores normalistas as atividades cotidianas da Escola e aos Pedagogos a função de planejar essas ações.

Na sequência de sua narrativa, Pilotto (1984) atribui ao “velho mestre de meninos” a capacidade de promover a educação num sentido mais amplo, apesar da tensão que existiria entre o “racional e o cotidiano”, em uma clara alusão aos dois agentes educacionais que estavam no campo educacional, a saber: o professor normalista e o pedagogo ou a escola e a universidade. Reafirma, assim, a necessidade da divisão dos papéis entre os diferentes agentes para a manutenção do processo educativo:

[...] temos de dividir o complexo do ato educativo. E, tendo-o feito, ainda assim, tudo o que temos de enfrentar, a partir daí, é muito e muito difícil. Porém, dividimos e simplificamos, não para ficar nesse ponto, mas para partir desse ponto [...] Essa é a regra dos métodos face ao duro problema da educação das imensas massas humanas, nos países em desenvolvimento. A

regra que os compêndios não ensinam. A pedagogia que nos incumbe criar. Ou as pedagogias. Passo essencial de democratização. Ou se quiserdes dar outro nome: gesto essencial de fraternidade humana. (PILOTTO, 1984, p. 10-11).

Pilotto enfatiza nesse trecho a necessidade da ação de todos os agentes e critica a formação feita pelos “compêndios”. Essa crítica pode ter em mira a formação bacharelesca dos cursos de pedagogia e da habilitação em magistério, que, nesse momento, tinham uma orientação fixada pela pedagogia tecnicista. Afirma, então, que é “urgente recuperar nas consciências a ideia daquela integridade e grandeza” (PILOTTO, 1984, p. 12) que estivera presente nas antigas escolas normais. Finalizando sua narrativa, assevera a eminência das universidades e seu papel na sociedade:

No momento em que ela estende, ao obscuro professor, distinção tão elevada, a emoção, num contraste, realiza meu espírito, a propósito dela, Universidade, uma dessas presentificações que unificam e solenizam, em sua plena grandeza, vultos e fatos. E tudo serve para aprofundar, num ponto muito e muito vivo, as exigências que tenho sempre de me impor, de disciplina e responsabilidade. (PILOTTO, 1984, p. 12).

O discurso de Pilotto, para além de agradecer a homenagem recebida, traz um caráter de defesa de seu ideal, de uma educação voltada para a formação do espírito do educando, tendo como agentes privilegiados para tal missão as escolas normais e seus professores. De certa forma, esse discurso pode ser encarado como a defesa de sua própria posição no campo, que naquele contexto tendia a assumir outras concepções educativas e novos agentes no papel de educadores.

Considerações finais

Retomando as considerações de Bourdieu (2006) realizadas no início deste artigo sobre a noção de trajetória – compreendida como uma série de posições ocupadas por um agente num espaço sujeito a incessantes transformações –, esta investigação pretendeu explorar parte da trajetória de Pilotto, colocando em evidência as permanências e rupturas de seus conceitos no diálogo realizado entre as diversas configurações adotadas pelo campo educacional no decorrer de sua trajetória. Nesse sentido, durante seus deslocamentos no espaço social e nos diferentes graus de autonomia e autoridade atribuídas pelo acúmulo de capital social, cultural e simbólico, o educador preservou sua concepção de educação pautada pela importância da formação do professor normalista, embora suas proposições para esse fim tenham se modificado nos diferentes lugares sociais ocupados.

A temática da formação de professores foi uma constante nas ações e obras de Pilotto. Para o intelectual, tal formação deveria estar baseada no seguinte tripé: a formação geral, a formação técnica e a formação da personalidade de educador. Tal visão foi apoiado em sua compreensão do ensino ministrado, no que denominou antiga Escola Normal, evidenciado o *habitus* familiar, no qual a questão educacional e cultural foi uma tônica presente.

Dessa maneira, as suas críticas às Escolas Normais, em especial a de sua formação, foi a ênfase dada aos aspectos de formação técnica em detrimento das demais, visão que poderia ser estendida aos cursos de Habilitação em Magistério e de Pedagogia, como transparece no discurso analisado, que, na visão do intelectual, valorizaria os aspectos metodológicos, deixando de lado a formação cultural e da personalidade do educador.

Assim, a análise do texto *Mestre de Meninos*, para além dos aspectos relacionados à trajetória profissional de Pilotto, evidencia as disputas do campo educacional com a defesa dos mestres-escolas, que pouco a pouco disputavam espaço com os egressos dos cursos de pedagogia, e a crítica à perspectiva tecnicista e economista da educação assumida nas décadas de 1970 e 1980, como uma defesa de suas concepções educacionais pautadas pelo diálogo com a filosofia, em uma perspectiva humanista do processo educativo.

Notas

¹ A Associação de Estudos Pedagógicos (1956-1970) foi uma instituição criada por Pilotto e tinha por principal objetivo a formação metodológica dos professores, buscando, por meio de periódicos e publicações, discutir planos, propostas e metodologias de ensino, em uma ação de continuidade das atividades de Pilotto, como professor e gestor educacional.

² Em 1951, com o fim da gestão de Lupion no governo do Estado do Paraná Pilotto foi transferido para o Tribunal de Contas, essa transferência permitiu ao intelectual se dedicar à criação da AEP e a publicação da maior parte de suas obras.

³ O termo *antiga Escola Normal* é retirado da expressão de Erasmo Pilotto e designa a Escola de Professores, antes da reforma instituída pelo então diretor da Instrução Pública do Paraná Lysímaco Ferreira da Costa, em 1922.

⁴ O conceito de configuração é adotado nessa investigação a partir das referências de Norbert Elias (1999; 2001). Partindo do conceito de *figuration* – que pode ser traduzido como figuração, configuração ou formação – Elias utiliza a metáfora da teia, na qual as relações de interdependência e comunicação situam os indivíduos e é através da análise da trama da teia que o pesquisador tem a possibilidade de entender que tanto o indivíduo, como a sociedade, não só vivem um processo social, como são produtores desse processo.

⁵ Conforme Tanuri (2000, p. 74), os cursos de Pedagogia iniciam-se: “visando à dupla função de formar bacharéis, para atuar como técnicos de educação, e licenciados, destinados à docência nos cursos normais. Iniciava-se um esquema de licenciatura que passou a ser conhecido como ‘3 + 1’, ou seja, três anos dedicados às disciplinas de conteúdo – no caso da Pedagogia, os próprios ‘fundamentos da educação’ – e um ano do curso de Didática, para a formação do licenciado”.

⁶ Na capital paranaense, após a criação da Universidade de São Paulo, da Universidade do Distrito Federal e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento, esta última em 1937, foi criada em 26 de fevereiro de 1938, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná. A maioria dos fundadores era constituída de professores das Faculdades de Direito, Engenharia e Medicina, da Universidade do Paraná, da Escola Agrônômica do Paraná, membros do Círculo de Estudos Bandeirantes e sacerdotes católicos (SILVA, 2013).

⁷ Entre as ações investigadas em nossos estudos (SILVA, 2009, 2014) sobre a atuação de Pilotto como assistente técnico na Escola de Professores evidenciamos por meio da análise de suas obras e relatos/memória de ex-alunas, a iniciativa do intelectual em transformar a Escola de Professores em um polo de difusão cultural, por meio de organização de exposições, concertos e a ligação da instituição com outros espaços culturais, como as Exposições de Arte Infantil (1943 e 1944), o Salão Paranaense de Belas Artes (1944) e os concertos didáticos organizados pela Sociedade de Cultura Artística Brasília Itiberê (SCABI).

⁸ O contexto paranaense no início da década de 1920 foi caracterizado pela disputa entre a frente anticlerical, que ocupava desde o final do século XIX e primeira década do século XX importantes espaços formativos como o Ginásio Paranaense e a Escola Normal, e o grupo do laicato católico que desde a década de 1920 passa ocupar o aparelho estatal implementando reformas educacionais empenhadas na modernização e nas mudanças do sistema educativo. O grupo católico tornava-se cada vez mais presente durante o período de estudo de Pilotto, pois, como salienta Bega (2001, p. 297), há um enfraquecimento da frente anticlerical, com a aposentadoria ou o falecimento de intelectuais como Emiliano Pernetá, Dario Vellozo e Sebastião Paraná.

⁹ Segundo Tanuri (2000), com a mudança do curso normal para a habilitação específica em magistério houve um empobrecimento e desarticulação do currículo, o que consequentemente levou a perda de qualidade dos cursos e a um esvaziamento das turmas.

¹⁰ Os Cursos Normais Regionais foram criados por Pilotto durante sua gestão na SEEC e buscavam ampliar o alcance das Escolas Normais existentes no Estado, formando professores normalistas para atuar nas escolas isoladas.

REFERÊNCIAS

BEGA, Maria Tarcisa Silva. *Sonho e invenção do Paraná: Geração simbolista e a construção de identidade regional*. São Paulo. 2001. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *A sociologia de Pierre Bourdieu*. São Paulo: Olho d'Água, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006. p. 183-192.

CAMPOS, Nevio de. Intelectuais católicos e a educação no Paraná nas décadas de 1920 e 1930. In: VIEIRA, Carlos Eduardo (Org.). *Intelectuais, Educação e Modernidade no Paraná*. Curitiba: Editora da UFPR, 2007. p. 175-190.

DANIEL, Lesiany. Silveira. *João Roberto Moreira (1912-1967): itinerários para uma racionalidade ativa*. Curitiba, 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

ELIAS, Norbert. *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Estampa, 1999.

ELIAS, Norbert. *A Sociedade de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

HAYGERT, Aroldo Murá. UFPR não ouve o clamor público, depende da burocracia. *Indústria & Comércio*, Curitiba, 7 maio 2012.

MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck. O significado do trabalho de Erasmo Pilotto no cenário educacional paranaense. *Educar em revista*, Curitiba, n. 10, p. 81-89, 1995.

- PILOTTO, Erasmo. *Retorno ao Tema da Educação Nova*. Curitiba: Imprimax, 1966.
- PILOTTO, Erasmo. *Obras I*. Curitiba: Imprimax, 1973.
- PILOTTO, Erasmo. *Depoimento para o Museu da Imagem e do Som*. Curitiba: [s.n.], 198-.
- PILOTTO, Erasmo. *Mestre de Meninos*. Curitiba: Imprimax, 1984.
- PILOTTO, Erasmo. *Entrevista*. Curitiba: Arquivo MIS, 1988. 1 cassete (75 min). son., VHS NTSC.
- PILOTTO, Erasmo. *Autobiografia*. Organização de Denise Grein Santos. Curitiba: Editora da UFPR, 2004.
- PUGLIELLI, Helio de Freitas. *Erasmus Pilotto*. Curitiba: Editora da UFPR, 1996. (Série Paranaenses, n. 7).
- SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 20, p. 60-70, 2002.
- SILVA, João Paulo de Souza da. *Percurso entre modernidades: trajetória intelectual de Eny Caldeira (1912-1955)*. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.
- SILVA, Rossano. *A arte como princípio educativo: um estudo sobre o pensamento educacional de Erasmo Pilotto*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.
- SILVA, Rossano. *Educação, Arte e Política: a trajetória intelectual de Erasmo Pilotto*. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.
- SPOSITO, Marília Pontes. Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico. *Revista USP*. São Paulo, n. 57, p. 210-226, p. 213-226, mar./maio 2003.
- TANURI, Leonor Maria. História da formação de professores. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 14, p. 61-88, 2000.
- VIEIRA, Carlos Eduardo. O Movimento da Escola Nova no Paraná: trajetória e ideias educativas de Erasmo Pilotto. *Educar em revista*, Curitiba, n. 18, p. 53-73, 2001.
- VIEIRA, Carlos Eduardo. Erasmo Pilotto: identidade, engajamento político e crenças dos intelectuais vinculados ao campo educacional no Brasil. In: ALVES, C.; LEITE, J. L. (Org.). *Intelectuais e história da educação no Brasil: poder, cultura e políticas*. Vitória: EDUFES, 2011. v. 1. p. 25-54.
- VIEIRA, Carlos Eduardo. Erasmo Pilotto: reflexões acerca da formação de professores e da teoria da educação. In: VIEIRA, C. E.; OSINSKI, D. R. B.; BENCOSTTA, M. L. A. (Org.). *Intelectuais, modernidade e formação de professores no Paraná: 1910-1980*. Curitiba: UFPR, 2014.